

CAPA
PROMOCIONAL

O ESTADO DE S. PAULO



Domingo 27 DE JUNHO DE 2021 R\$ 7,00 ANO 142 Nº 46639

estadão.com.br



Na edição de hoje!
Caderno de Cobertura do
Estadão Summit ESG, com
circulação nacional.



Apresentou:



**SUMMIT
ESG 2021**

Da Teoria à Prática

Agradecemos aos painelistas, mediadores e patrocinadores que possibilitaram a realização da primeira edição do evento, que evidenciou, na prática, como ir em direção a um Brasil com empresas mais justas, éticas, diversas e sustentáveis.

Nossos agradecimentos à audiência que prestigiou a iniciativa durante os quatro dias e participou ativamente interagindo com os convidados.

Realização:

Patrocínio Master:

Patrocínio:





Apresentou:

SUMMIT
ESG 2021

Para assistir
à íntegra do
Estádio Summit
ESG, acesse:



Alberto Bombig
Editor da Coluna
do Estádio



Alexandra Oliveira
Diretora de Qualidade
Corporativa e
Sponsor do Grupo de
Diversidade Racial
na Whirlpool para a
América Latina



**Alexandre
Sanches Garcia**
Pró-reitor da
Fundação Escola
de Comércio
Álvares Penteado
(Fecap)



Ana Siqueira,
CFA, sócia-
cofundadora da
Artha Educação



**Andrea M. A. F.
Minardi**
Professora Senior
Research Fellow
do Insper



**Andrea Salgueiro
Cruz Lima**
CEO da Whirlpool
no Brasil



Arthur Chioro
Ex-ministro da
Saúde e professor
na Universidade
Federal de São
Paulo (Unifesp)



**Carlo Linkenvieus
Pereira**
Diretor executivo
da Rede Brasil do
Pacto Global da
ONU



Camila Farani
Sócia e
presidente do
Comitê de ESG do
banco Modalmais
e colunista do
Estádio



**Carolina Elia
Genin**
Diretora de Clima
do WRI Brasil



**Celso Funcia
Lemme**
Especialista
em finanças e
sustentabilidade
e professor do
Coppead/UFRJ



Claudia Leite
Chief purpose
officer em
Consultoria,
com foco em
Sustentabilidade
I ESG e
Comunicação
Corporativa



**Claudia
Yoshinaga**
Coordenadora
do Centro de
Estudos em
Finanças da FGV
Eaesp



Cristina Andriotti
CEO da Ambipar



Douglas Reis
Diretor de
Assuntos
Regulatórios e
ESG na Whirlpool
para a América
Latina



Dulcejane Vaz
Economista
e consultora
independente
para Diversidade e
Inclusão



Edí Souza
Diretor executivo
do Hospital Sirio-
Libanês



Fabio Costa
Gerente-geral da
Salesforce Brasil



Fabio Toretta
Superintendente
de Comunicação
da Sabesp



**Felipe Guimarães
Fleury**
Docente dos
cursos de Negócios
da Moda e Design
de Moda da
Universidade
Anhembi Morumbi



**Fernanda
Camargo**
Membro
do Grupo
Consultivo de
Sustentabilidade
da Anbima



Frederic de Mariz
PhD, head para o
setor financeiro
e ESG no banco
de investimento
UBS BB



**Gabriela Alves
Guimarães**
Sócia da
FourEthics
Consultoria



Gilberto Tomazoni
CEO Global da JBS



Gláucia Terreo
Diretora da
Global Reporting
Initiative (GRI) no
Brasil



Gonzalo Vecina
Médico
sanitarista,
professor da
Faculdade de
Saúde Pública da
USP



**Guilherme
Brammer**
CEO da Boomera



**Hans Christian
Temp**
Membro do
Conselho –
Organização
Cidades sem Fome



Hugo Barreto
Diretor de
Sustentabilidade
e Investimento
Social da Vale



John Elkington
Fundador e
polinizador-chefe
da Volans



Lauro Marins
Head de
consultoria ESG
& Mudança
Climática –
Resultante ESG



**Leila Abraham
Loria**
Presidente do
Conselho de
Administração do
Instituto Brasileiro
de Governança
Corporativa (IBGC)



Marcus Nakagawa
Professor de
Graduação e MBA da
ESPM, nas questões
de ESG, ética,
empreendedorismo,
responsabilidade
socioambiental,
empreendedorismo
social e terceiro setor



Mariano Cenamo
Diretor de Novos
Negócios do
Instituto de
Conservação e
Desenvolvimento
Sustentável
da Amazônia
(Idesam) e CEO
da AMAZ



Mauro Mariz
Diretor de
Gente, Gestão e
Sustentabilidade
da Riachuelo



**Muriel de Oliveira
Gavra**
Professora-
doutora da
Faculdade de
Ciências Aplicadas
da Universidade
Estadual de
Campinas
(Unicamp)



Nelmara Arbex
Sócia-líder de
ESG da KPMG no
Brasil



Onara Lima
Diretora de
Sustentabilidade
da Ambipar



Oskar Metsavaht
Fundador da
Osklen e do
Instituto-E e
embaixador da
Unesco para
Sustentabilidade



Patrícia Coimbra
Vice-presidente de
Capital Humano,
Administrativo,
Sustentabilidade
e Marketing da
SulAmérica



Patrícia Daros
Diretora de
Operações do
Fundo Vale



Pedro Nery
Colunista
do Estádio,
consultor de
economia no
Congresso e
professor do IDP



Rachel Maia
Fundadora e CEO
da RM Consulting



**Raiane Patricia
Severino
Assumpção**
Vice-reitora da
Universidade
Federal de São
Paulo (Unifesp)



Raquel Giglio
Vice-presidente de
Saúde e Odonto
da SulAmérica



**Renato
Gasparetto**
Vice-presidente
de Relações
Institucionais e
Sustentabilidade
da Vivo



Ricardo Sales
Consultor de
diversidade,
pesquisador e
sócio da Mais
Diversidade



Rodrigo Perpétuo
Secretário
executivo do Iclci
América do Sul



Rogério Monori
Diretor executivo
de Corporate
& Investment
Banking e
Tesouraria do
banco BV



**Solly Nissim
Sayeg**
Index manager e
head de ESG Data
na Teva Índices



Sonia Favaretto
Especialista em
Sustentabilidade,
conselheira de
Administração e
SDG Pioneer pelo
Pacto Global das
Nações Unidas



Susana Carvalho
Diretora executiva
da JBS Ambiental



**Tiago Silva
Soares**
Gerente de
Sustentabilidade
do banco BV

MEDIADORES:



Andréia Lago
Jornalista



Alice Ferraz
Empresária,
fundadora da Phits
e colunista do



Daniel Gonzales
Jornalista



Karla Spotorno
Jornalista da
Agência Estado



Mauricio Oliveira
Jornalista



Michelle Trombelli
Jornalista



Rita Lisauskas
Jornalista

SUMMIT
ESG 2022

Marque na sua agenda!
2ª edição do Estádio Summit ESG
de 20 a 24 de junho de 2022



Painéis solares.
Pensar no mais limpo,
no mais ético e no mais
justo está em alta

MICHELLE REALE / REUTERS - 9/4/2021

Um futuro cada vez mais interativo, verde e social

Indo 'Da Teoria à Prática', evento online do 'Estadão' reuniu especialistas e trouxe estudos e métodos que começam a revolucionar as práticas ambientais, sociais e de governança

SUMMIT ESTADÃO
ESG
2021



TIAGO QUEIROZ / ESTADÃO - 20/6/2021

Sucesso.
Viver de hortas orgânicas na zona sul de SP, por exemplo, se tornou sustentável

Com a pandemia da covid-19, o mundo corporativo ampliou o olhar sob o entorno, mais especificamente sobre a agenda de práticas sociais, ambientais e de governança (ESG, na sigla em inglês), que realmente só chegou com força ao País no ano passado. Apesar dos avanços, o Brasil ainda tem muito o que caminhar na regulação das chamadas finanças verdes. Na avaliação de especialistas que participaram do Summit ESG, evento online promovido pelo Estadão, ainda faltam informações e esclarecimentos sobre o tema, além da necessidade de criar padrões para não sufocar as empresas com as exigências. Mas, caso o Brasil consiga sucesso nessa empreitada, há chances de se tornar uma grande potência até o fim de 2030 e com relevância na agenda global.

Literalmente, chegou a hora da mudança. Principal convidado internacional, o inglês John Elkington, de 71 anos, um dos precursores do movimento global pela sustentabilidade, ressaltou a importância das atitudes de cada pessoa e de cada empresa, mas lembrou que as iniciativas individuais são insuficientes para enfrentar a crise climática no ritmo que o mundo precisa. "A mudança tem de ser mais ampla, do sistema como um todo. E temos sinais fortes de que isso está acontecendo", disse.

A Associação Brasileira das Entidades dos Mercados Financeiro e de Capitais (Anbima) relatou, por exemplo, que, com a pandemia, muitos fundos de investimentos começaram a se autodenominar ESG – no total, são 160, apesar de ainda faltar entendimento e certa metodologia em relação ao assunto. E o caminho está aberto: de acordo com o relatório global "Chegou a Hora", divulgado pela KPMG durante o Summit, 80% das 5,2 mil maiores empresas globais já formulam relatórios anuais de sustentabilidade – índice que chega a 85% entre as 100 maiores empresas brasileiras. "Antes, o investidor só queria saber do retorno financeiro, sem se preocupar com o impacto. Havia essa visão de um lado, e a filantropia no lado oposto. Agora estamos buscando o caminho do meio", disse Andrea Minardi, professora do Insper, durante um dos painéis.

Outro ponto destacado é que dentre as três práticas expostas pelas letras E, S e G a que ainda tem mais difícil avanço é o social. É o que mostrou a pesquisa inédita "Mulheres na Liderança", realizada com uma base de dados que cobre 110 mil cargos e quase 400 empresas. Resultado: apenas 14,7% dos cargos de liderança são ocupados por elas. Mas essa pauta, assim como as ligadas a racismo estrutural, inclusão e diversidade, também já começam a ganhar corpo no mundo corporativo.

Finanças verdes

Sustentabilidade ganha cada vez mais relevância como um dos critérios para investimento. **PÁG. 10**

Defesa do clima

Grandes empresas do País definem prazos e planos de ação com foco no meio ambiente. **PÁG. 14**

Social à frente

As corporações precisam dar exemplo para conseguir causar algum impacto. **PÁG. 15**

Além do tratar

Uma nova visão do cuidar precisa ser incorporada na relação entre médico e sociedade. **PÁG. 18**

Mulher e líder

Apesar de terem participação crescente em cargos-chave, elas ainda enfrentam muitas barreiras. **PÁG. 22**

ESG: três letras que vieram para ficar

Na visão de parte cada vez maior do mercado, empresas que não se preocupam com políticas de sustentabilidade vão ficar para trás

TRANSFORMAÇÃO

Muita gente até já ouviu falar de ESG, mas tem dúvidas sobre a real importância da sigla. Composta pelas iniciais, em inglês, de Ambiental, Social e Governança (ASG), os três pilares devem guiar as políticas de sustentabilidade das corporações e dos governos. “No fundo, é apenas uma outra forma de definir sustentabilidade, adotada pelo mercado financeiro”, afirmou o diretor no Brasil do Pacto Global da Organização das Nações Unidas (ONU), Carlo Linkevicus Pereira, durante um dos painéis do Summit ESG Estadão.

Foi no Pacto Global – maior ação de sustentabilidade corporativa do mundo, com mais de 16 mil membros em 160 países – que a sigla surgiu, em 2004. Foi citada pela primeira vez no relatório Who Cares Win (Ganha quem se importa, em tradução livre), que tinha o propósito de fomentar uma agenda de sustentabilidade para o setor financeiro. Depois de se tornar muito difundido na Europa e um pouco menos nos Estados Unidos, o conceito finalmente chegou com força ao Brasil, no ano passado, em meio à pandemia.

Todos os indícios são de que não se trata de algo passageiro. Ao contrário, a jornada ESG

pressupõe estratégias de longo prazo, que podem ser decisivas até mesmo para estabelecer quais empresas continuarão existindo no mercado em um futuro nem tão distante.

Na visão de uma parte cada vez maior do mercado financeiro, a empresa que ainda não se deu conta dessas mudanças corre sérios riscos de se tornar menos atraente para investidores. A jornada ESG de uma organização é composta por um amplo conjunto de ações necessárias para que ela demonstre que está preocupada não apenas em proporcionar lucro para seus acionistas, mas também com o bem-estar dos funcionários, a redução da desi-

85%

das 100 maiores empresas brasileiras já apresentaram Relatórios de Sustentabilidade, aponta levantamento da KPMG

gualdade social, o desenvolvimento da comunidade e a preservação do ambiente. São as atitudes esperadas no cenário de consolidação do chamado “capitalismo de stakeholders” – ou seja, um capitalismo que se preocupa em contemplar os interesses de todos.

Avaliação. O passo inicial da jornada ESG é um diagnóstico aprofundado do estágio em que a organização se encontra nos três pilares, com indicadores baseados em critérios científicos e reconhecidos internacionalmente. As metodologias mais difundidas no mercado para a realização desse diagnóstico exigem um grande de-

talhamento dos números – mais de 400 indicadores devem ser mensurados e acompanhados. O diagnóstico costuma ser consolidado anualmente nos Relatórios de Sustentabilidade, ferramenta que ganha crescente importância como fonte de informação para investidores, uma vez que, além de ser um retrato momentâneo da empresa, é também referência para avaliar como a organização tem evoluído.

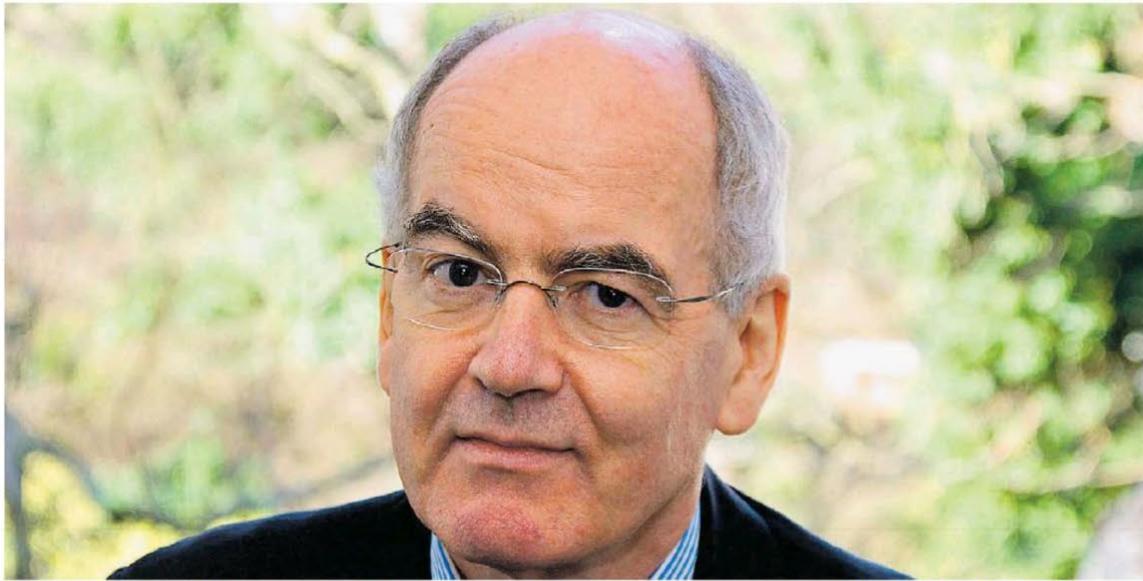
A sócia líder de ESG na KPMG do Brasil, Nelmaria Arbetx, apresentou a visão de que se inicia um momento essencial para a sustentabilidade no planeta. “Esta é a década do ‘vamos fazer’.”

80%

Das 5,2 mil maiores empresas globais já elaboraram Relatórios de Sustentabilidade, aponta o levantamento ‘Chegou a Hora’ Estadão.

ENTREVISTA

John Elkington, consultor da Volans e ‘polinizador-chefe’



JOHNELKINGTON.COM - 7/2/2021

‘Ondas de choque’. John Elkington diz que ‘tempos de mudanças podem durar décadas’: uma nova ordem se torna mais clara a partir de fatos históricos

‘A mudança tem de ser do sistema como um todo’

Um dos precursores do movimento global pela sustentabilidade prega o ‘capitalismo regenerativo’ como novo conceito

Maurício Oliveira
ESPECIAL PARA O ESTADÃO

Ao fazer a palestra de abertura do Summit ESG Estadão, o inglês John Elkington, de 71 anos, considerado um dos precursores do movimento global pela sustentabilidade, ressaltou a importância das atitudes de cada pessoa e de cada empresa, mas lembrou que as iniciativas individuais são insuficientes para enfrentar a crise climática no ritmo que o mundo precisa. “A mudança tem de ser mais ampla, do sistema como um todo. E temos sinais fortes de que isso está acontecendo”, disse.

Fundador e líder da consultoria Volans, Elkington decidiu denominar o cargo que ocupa de “polinizador-chefe”, pois considera se tratar da síntese perfeita para a sua missão: acelerar a conscientização e as ações de sustentabilidade ao redor do planeta. Ele já fez mais de mil palestras, participou de 70 conselhos de empresas e publicou 20 livros, dos quais o mais recente é *Green*

Swans: The Coming Boom In Regenerative Capitalism (Cisnes verdes: o boom iminente do capitalismo regenerativo, em tradução livre), lançado em abril do ano passado.

“Capitalismo regenerativo” é como Elkington gosta de chamar a nova fase que ele vislumbra, da qual o cisne verde é um símbolo. “Trabalhar para lá não será uma tarefa trivial. Tempos de mudanças perturbadoras derrubam o mercado e as hierarquias políticas, criando ondas de choque que podem durar décadas – até mesmo gerações”, escreveu. Leia trechos da entrevista concedida por Elkington no dia seguinte à palestra de abertura do Summit ESG Estadão.

● Há uma série de fatores que estão fazendo de 2021 um ano importante para a sustentabilidade. Além de ser o início de uma década considerada decisiva, há todo o aprendizado com as lições da pandemia?

Nenhuma ano vê os sistemas mudarem inteiramente, mas pense em 1944, com a realização da conferência de Bretton Woods, ou em 1968, com os protestos estudantis, ou ainda em 1989, quando ocorreu o colapso de grande parte do mundo comunista, e é claro que uma nova ordem se torna muito mais clara a partir desses

marcos. As pessoas começaram a perder a confiança no capitalismo, e as consequências disso estão cada vez mais claras. Até os capitalistas estão dizendo que o capitalismo e sua disciplina principal, a economia, devem ser “reinventados”, “reimaginados”, “redefinidos”. A pandemia despertou as pessoas para o fato de que existem crises sistêmicas que nossos governos estão ignorando ou minimizando. Elas começaram a se perguntar: se os governos fracassaram nessa ameaça imediata à saúde humana, como estão se saindo em desafios mais distantes, mas infinitamente mais sérios, como o da emergência climática e o da biodiversidade? A resposta, conforme mostrado novamente pelo encontro mais recente do G-7, é que governos estão falhando em demonstrar a liderança que o século 21 precisa.

● O senhor diria que um jovem de 18 anos pode estar se sentindo desorientado em relação ao futuro?

Ele tem todo o direito de se sentir assustado. Qualquer ser inteligente estaria. Mas a situação está longe de ser desesperança. Ainda podemos reverter isso, se conseguirmos colocar os líderes certos nos lugares certos. Greta Thunberg está

mostrando como os jovens podem chamar a atenção do mundo, mas o desafio agora é passar dos protestos à ação efetiva e oportuna. Algumas empresas estão fazendo isso, mas dependem da ação governamental sustentada. Os mercados precisam ser remodelados para entregar as mudanças necessárias no sistema. Um exemplo são os subsídios aos combustíveis fósseis, que devem ser eliminados.

● O senhor afirmou em sua palestra no Summit ESG “Estadão” que o greenwashing (falsa adesão ou adesão deturpada aos princípios de sustentabilidade) nem sempre ocorre por maldade, mas também por desconhecimento. Como diferenciar o um do outro? Eu não aprovo greenwashing, mas entendo que pelo menos parte disso é um sinal de excesso de entusiasmo, juntamente com compreensão limitada. Uma resposta perfeitamente humana. Mas, ainda que eu entenda por que o greenwashing acontece, ele continua sendo mortalmente perigoso, pois mina a confiança do público naquilo que empresas, governos e outras instituições estão dizendo e fazendo. Então, a primeira vez que uma empresa faz greenwashing, devemos explicar onde está o erro e incentivá-la a não errar novamente. Se o erro volta a ser cometido, torna-se um motivo justo para ataques.

● O Brasil tem um governo que está claramente desalinhado com os princípios da sustentabilidade. É possível que o país evolua nesse tema mesmo assim? A iniciati-



Populismo e nacionalismo são um desastre para a sustentabilidade, onde quer que eles surjam.”

va privada e a sociedade civil podem carregar essa bandeira?

Populismo e nacionalismo são um desastre para a sustentabilidade, onde quer que eles surjam. São visões que transformam a política em algo mais tribal, de curto prazo, e reduzem a transparência, permitindo a corrupção e a ineficiência grosseira. Não é coincidência que os governos populistas odeiem a livre imprensa nem que sejam tão incompetentes. Eles não trabalham por seus países. Substituem ações efetivas no mundo real por atitudes arrogantes e exibicionistas. O setor privado e os cidadãos podem carregar a bandeira, experimentando soluções regenerativas, mas essas iniciativas são restringidas pela falta de ação governamental eficaz. Que investidor estrangeiro sensato investiria nos ativos de capital natural do Brasil, se o governo continua a permitir e encorajar sua destruição? Da perspectiva das gerações futuras, a gestão Bolsonaro é um desastre – como foi a de (Donald) Trump nos Estados Unidos e são as de Johnson no Reino Unido, (Recep Tayyip) Erdogan na Turquia, (Narendra) Modi na Índia e (Xi) Jinping na China. Como Hitler, Mussolini ou Stálin, essas pessoas podem parecer que estão levando as coisas adiante, mas, muitas vezes, estão favorecendo resultados que ninguém imaginou que poderiam acontecer. Quanto tempo vai levar antes de vermos uma guerra na América do Sul desencadeada pela contínua mudança climática e uma tentativa desesperada de proteger nossos recursos naturais restantes?

● Por fim, duas curiosidades: o que significa o nome da sua empresa, Volans, e que tipo de reação curiosa o senhor já enfrentou ao se apresentar com o cargo de “polinizador-chefe”?

Quando eu estava procurando um nome para a nova empresa, em 2008, eu queria uma palavra curta e, idealmente, com um significado alinhado à missão. Volans é um termo científico usado para animais, mas não pássaros, que voam, como alguns peixes, esquilos e até lagartos. É também o nome de uma constelação e eu gosto da ideia de usar as estrelas para navegar. Na primeira década da empresa, o peixe voador foi o nosso símbolo, até que um artista brasileiro que mora na Rússia, Silvío Rebêlo, criou o nosso emblema do beija-flor, um pássaro incrível: é o principal polinizador, tem uma enorme resistência e pode voar em qualquer direção, incluindo para trás. Quanto ao cargo de “polinizador-chefe”, fui o primeiro do mundo, embora o *Financial Times* tenha feito chacota. No geral, no entanto, a resposta é extremamente positiva.

Veja e reveja

As próximas décadas serão pautadas pelo controle de emissão de gases, uso de recursos naturais, investimentos no cuidado com a natureza nos setores da economia. Confira na página do ‘Estadão’ nas redes sociais o Summit ESG 2021 estadao.com.br/elkington





Projeção. Imagem da Virada Sustentável em São Paulo: COP-26, marcada para novembro na Escócia, é esperança de que líderes mundiais cheguem a um acordo para reduzir emissões

Futuro vai depender de decisões deste ano

Medidas do início desta década poderão ser marco definitivo entre preservar ou destruir

GOVERNANÇA

Maurício Oliveira
ESPECIAL PARA O ESTADÃO

O ano de 2021 é considerado fundamental para a sustentabilidade no mundo, por causa de uma soma de fatores. Além de uma maior conscientização decorrente da pandemia, que demonstrou a nossa vulnerabilidade diante do desequilíbrio do planeta, trata-se do início da década que demonstrará se a humanidade é capaz de se mobilizar em torno de grandes causas, como as estabelecidas pelo Pacto Global por meio dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS).

Há também o otimismo decorrente da ascensão ao governo dos Estados Unidos de Joe Biden, que estabeleceu um plano de recuperação econômica pós-covid amparado em iniciativas de baixo carbono – direção oposta à que vinha sendo estabelecida pelo seu antecessor, Donald Trump.

Até o fim da década, se depender do democrata, uma em cada cinco crianças nos EUA deve ir para a escola em ônibus elétricos. Serviços federais, como os correios, só usarão carros movidos a eletricidade. Prédios antigostão maior eficiência energética. Dos pátios das fábricas americanas sairão painéis solares e sistemas de captura de carbono. Pela proposta do novo

presidente americano, o governo investirá em inovação e pesquisa, abandonando os combustíveis fósseis, que movem o país hoje. A meta é ambiciosa: metade da energia virá de fontes renováveis.

Um grande termômetro do momento que estamos vivendo em relação à sustentabilidade será a COP-26, conferência sobre o clima da Organização das Nações Unidas (ONU), marcada para novembro em Glasgow, na Escócia. Há grande expectativa por avanços concretos nas definições de regras do mercado internacional de carbono e, também, pelo reforço dos compromissos governamentais com as metas estabelecidas no Acordo de Paris, firmado em 2015, durante a COP-21.

Na ocasião, representantes de 195 países – incluindo o Brasil – assinaram o compromisso pela redução das emissões de carbono, com o objetivo de limitar o aumento da temperatura global neste século a 1,5 °C. O cumprimento do acordo exigia uma redução imediata e contínua da produção de gases do efeito estufa, mas o ritmo de depois disso não tem sido suficiente, o que tem levado a um descompasso crescente entre o desejo manifestado no Acordo de Paris e a realidade.

Compensação. De acordo com estudo do Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas (IPCC), a manutenção da



Debate. Painéis do Summit ESG 'Estadão': discussões que apontam saídas e métodos para tornar os negócios sustentáveis

“**Hoje, o aumento da temperatura no século poderá chegar a 4 °C.**”
Eduardo Viola
UNB

meta de 1,5° C exige reduzir as emissões pela metade até 2030 e completamente até 2050.

Para o professor Eduardo Viola, do Instituto de Relações Institucionais da Universidade de Brasília (UnB), especialista em política ambiental, a meta definida pelo Acordo de Paris já se tornou impossível de ser alcançada. “No caminho em que estamos, o aumento da temperatura no século poderá chegar a 4 °C. Se conseguirmos limitar a 2 °C, já será uma grande vitória”, afirma.

Quinto maior produtor de carbono do planeta, responsável por 3,2% das emissões globais, o Brasil se comprometeu, ao assinar o Acordo de Paris, a reduzir em 37% as emissões de gases do efeito estufa até 2025, e 43% até 2030, tendo como base de comparação o patamar de 2005. Essas metas se tornam cada vez mais distantes, no entanto, à medida que os índices de desmatamento no País continuam subindo – essa é a principal causa das emissões brasileiras, enquanto

em outros países as questões principais costumam ser o transporte, a matriz energética e os processos industriais.

Ainda que não sejam as grandes vilãs das emissões brasileiras – ao menos não diretamente –, as grandes corporações do País estão contribuindo para o cumprimento do Acordo de Paris ao anunciar o projeto de eliminar suas emissões dentro de um determinado período – são as chamadas metas “Net Zero”.

Aquelas que não conseguirem isso apenas com ajustes em seus processos contam com a possibilidade da compensação – ou seja, a compra de créditos de carbono para fechar a conta. “É importante que essa alternativa seja vista como complementar ao esforço máximo da organização. Não pode ser a estratégia principal, pois isso seria apenas transferir o problema”, ressalta Lauro Marins, líder em ESG da consultoria Resultante Research.

Fazer o certo. “Quando fala-

3,2%
É o índice do Brasil no total das emissões de gases nocivos ao ambiente em todo mundo. As queimadas são a principal causa.

dos ESG, estamos falando de oportunidades e de riscos”, ressalta Sonia Favaretto, presidente do Conselho da Rede Brasil do Pacto Global e ex-diretora de Sustentabilidade da B3, a Bolsa de Valores do Brasil. “Por isso, além de se perguntarem sobre o que ganham ao seguir essa agenda, as empresas precisam se perguntar também sobre o que podem perder se não seguirem essa agenda.”

Claudia Yoshinaga, coordenadora do Centro de Estudos em Finanças da Escola de Administração de Empresas de São Paulo (FGV-Eaesp), lembra que investidores e acionistas costumam fazer um questionamento: será que tudo isso se paga?

Ela ressalta que não se trata de algo simples de responder, pois é difícil isolar o resultado de uma ação tomada de forma simultânea com várias outras. Assim, análises simplistas podem levar a distorções. “Tenho sempre receio de estudos que afirmam categoricamente que ‘ESG traz valor financeiro’ ou ‘ESG não traz valor financeiro’.” É por isso que a principal motivação da empresa deve ser, acima de tudo, a convicção de que isso é o certo a fazer.

● Conteúdo completo online
Empresa precisa saber o que quer,
para ESG não ser só sigla da moda
estadao.com.br/eqsexplica

Finanças verdes tornam-se a aposta

O nível de sustentabilidade demonstrado pelas empresas no mundo todo já vem ganhando relevância como um critério de investimento

AMANDA PERRELLI/ESTADÃO - 26/6/2021



Exposição no Ibirapuera. Empresas que não levam em consideração melhores práticas de ESG podem sentir grandes impactos na imagem e, principalmente, nas contas da companhia

GOVERNANÇA

Maurício Oliveira
ESPECIAL PARA O ESTADÃO

Ok, não sejamos “Polianas”: por mais sustentável que seja uma empresa, ela não atrairá muitos investidores se não estiver dando lucro. Mas é exatamente nesse ponto que o conceito ESG está revolucionando o mercado financeiro: a ideia é demonstrar, cada vez mais, o quanto é possível conciliar as duas coisas.

“Antes, o investidor só queria saber do retorno financeiro, sem se preocupar com o impacto. Havia essa visão de um lado, e a filantropia no lado oposto. Agora estamos buscando o caminho do meio. Retorno, sim, mas levando em conta o impacto”, disse Andrea Mirand, professora do Insper, durante um dos painéis do Summit ESG Estadão.

Celso Leme, professor do Instituto de Pesquisa em Administração da Universidade Federal do Rio de Janeiro (COPPEAD/UFRJ), ressaltou que esse processo envolve até a revisão do conceito de dever fiduciário – o compromisso que existe entre um investidor e o agente financeiro. Anteriormente, lembrou professor, investir em empresas com base nos critérios de sustentabili-

de poderia ser considerado um *desvio desse dever*. “Agora é o contrário. Observar as questões ambientais na gestão dos recursos é parte das obrigações com o dono do dinheiro.”

Adaptação. Para Rogério Monori, diretor executivo de Corporate & Investment Banking e Tesouraria do Banco BV, os bancos têm papel de indutores dessa transformação, com a missão de alocar o capital da forma que mais interessa aos stakeholders, e não apenas aos acionistas. “Já optamos por deixar de fazer transações que seriam muito rentáveis, mas envolviam empresas que deixavam a desejar em ESG”, descreveu. O BV já é Net Zero em suas operações e, líder do mercado de financiamento de automóveis, tem a meta de neutralizar, até 2030, as emissões de toda a frota que financia.

Fernanda Camargo, integrante do Grupo Consultivo de Sustentabilidade da Associação Brasileira das Entidades dos Mercados Financeiro e de Capitais (Anbima), considera que a fase é de educação e de adaptação para todos que atuam nesses mercados. “Já temos no Brasil 160 fundos que se dizem ‘verdes’, ‘ESG’ ou ‘sustentáveis’, mas há grandes dificuldades de entendimento e na formulação dessas metodologias”, descreveu.

Observar as questões ambientais na gestão dos recursos é parte das obrigações.”

Celso Leme
UFRRJ

A Anbima deve se envolver progressivamente no monitoramento e na certificação desses fundos, anunciou Fernanda. “Mas é importante definir parâmetros factíveis. Se colocar a barra muito alta, ninguém adere. E preciso ir compartilhando muita informação para ir subindo a barra aos poucos.”

Reputação. Empresas que desprezam o peso que as práticas ESG vêm ganhando podem sofrer grandes impactos na imagem – e nas finanças. Toda a movimentação em torno das práticas ESG vem chamando a atenção de dois públicos essenciais para as empresas: os investidores e os consumidores. “Um estudo recente demonstrou que 85% dos consumidores brasileiros dizem se sentir melhor ao optar por produtos sustentáveis”, afirmou o professor Marcus Nakagawa, especialista em sustentabilidade da Escola Superior de Propaganda e Marketing (ESPM), durante um dos painéis do Summit ESG Estadão.

Do ponto de vista do mercado financeiro, a repercussão é semelhante. “Hoje, 70% dos in-

vestidores querem que esses critérios sejam levados em conta nos seus investimentos”, diz Frederic de Mariz, líder no Brasil de UBS, empresa global que presta serviços financeiros a pessoas físicas e organizações, com foco especial em gestão de fortunas. Ele diz perceber a preocupação crescente das famílias mais ricas do País em contribuir para a melhora das condições gerais de vida e, assim, deixar um legado.

Esse maior interesse de investidores e consumidores envolve, também, um nível maior de vigilância e cobrança sobre as ações das empresas. O professor Nakagawa chama a atenção para os riscos crescentes de práticas como o greenwashing, termo em inglês que define a falsa adesão ou a adesão superficial aos princípios de sustentabilidade. “A tolerância das pessoas é cada vez mais baixa, especialmente dos mais jovens. Fenômenos como o ‘cancelamento’ nas redes sociais são rápidos e têm alta capacidade destrutiva para a reputação das marcas”, alerta o professor. “Oito em cada dez integrantes da geração Z, que está entrando

agora no consumo, param de comprar de empresas envolvidas em situações consideradas negativas”, ele acrescenta.

Core business. Os riscos evidenciam a importância da busca, pelas empresas, de informações sólidas sobre os princípios ESG. Muitas ainda cometem o erro de divulgar números que podem ser facilmente contestados. Um exemplo típico está na participação feminina em cargos de gestão. Ao anunciar essa métrica, é fundamental deixar claro quais níveis hierárquicos estão sendo incluídos na contagem.

Outro ponto crucial para a reputação das organizações, alertam os especialistas, é dar o devido peso aos indicadores que têm relação direta com os negócios da organização. Uma transportadora precisa focar nas mudanças climáticas e uma empresa de call center, com grande número de empregados, tem de dar destaque à relação com os trabalhadores, por exemplo. Se a transportadora enfatiza o incentivo ao esporte ou a empresa de call center destaca o projeto de coleta seletiva de lixo, isso pode soar como uma nuvem de fumaça para disfarçar a falta de atuação nas áreas que são realmente as mais importantes para essas empresas.

6 dias

gawa, da ESPM.

Conteúdo completo online
Regulação ainda vai depender de uma maior padronização
estadao.com.br/financasverdes



8 RAZÕES PARA...

Pensar em um novo modelo

1. Investimento
Segundo o jornal *Financial Times*, em 2018 o setor de investimentos em ESG foi estimado em cerca de US\$ 31 trilhões.

2. Compra
Pesquisa da consultoria McKinsey revelou que 85% dos brasileiros dizem que se sentem melhor comprando produtos sustentáveis, e uma pesquisa global

mostrou que 97% dos entrevistados esperam que as marcas solucionem problemas sociais.

3. Desempenho
Um estudo da Universidade de Nova York apontou que 58% das empresas que seguem os princípios de sustentabilidade registraram melhora dos resultados operacionais e performance financeira.

4. Lucro
O Fórum Econômico Mundial estima um

343

Startups têm hoje soluções ESG no Brasil, de acordo com relatório da consultoria ACE Cortex. A maioria atua no setor ambiental.

aumento de 25% a 36% na lucratividade; 20% nas taxas de inovação; e 30% na habilidade de identificar e reduzir riscos nos negócios nas empresas que investem na diversidade de suas equipes conjugarão mais conhecimentos e habilidades, repertório emocional e margem de acesso a novos mercados.

5. Desenvolvimento
A KPMG constatou, em seu estudo “Chegou a hora”, que 67% das 100 maiores corporações brasileiras conectam as informações

58%

Das empresas que adotaram princípios de sustentabilidade em sua governança tiveram melhora no resultado global

apresentadas em seus Relatórios de Sustentabilidade aos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável, compostos por metas a ser alcançadas pelos países até 2030.

6. Startups
Relatório da consultoria ACE Cortex, identificou ao menos 343 startups com soluções relacionadas ao ramo ESG no Brasil. De acordo com o trabalho, 180 atuam no setor ambiental, 130 com negócios de impacto social e 33 com soluções de governança.

7. Atualidade
Ainda conforme a ACE, 46% dos empreendedores e colaboradores de grandes companhias afirmam já lidar com programas de ESG em suas empresas e 92% acreditam no valor desse conceito.

8. Fundos
A Associação Brasileira das Entidades dos Mercados Financeiro e de Capitais (Anbima) fez um levantamento que aponta que, com a pandemia, 136 fundos de investimentos já se denominam ESG.



Medição de indicadores já virou uma regra

80% das 5,2 mil maiores empresas globais formulam relatórios de sustentabilidade

SUSTENTABILIDADE

A disseminação dos Relatórios de Sustentabilidade indica a importância que os indicadores ESG ganharam. De acordo com o relatório global "Chegou a Hora", divulgado pela KPMG durante o Summit ESG Estadão, 80% das 5,2 mil maiores empresas globais já formulam relatórios anuais de sustentabilidade – índice que chega a 85% entre as 100 maiores empresas brasileiras.

Quando levadas em consideração apenas as 250 maiores companhias do mundo, o documento é produzido por 96% delas. Em 1993, quando a KPMG realizou o levantamento pela primeira vez, apenas 12% das empresas publicavam relatórios desse tipo. A sócia líder de ESG na KPMG do Brasil, Nelmara Arbex, prevê que os Relatórios de Sustentabilidade serão amplamente adotados nos próximos anos também pelas médias e até mesmo pequenas

empresas.

Entre os fatores avaliados estão até métricas usadas para países e governos, como é o caso dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS). Trata-se de outra grande referência surgida do Pacto Global: a Agenda 2030. Os 17 ODSs estão relacionados a áreas como fome, saúde, educação, distribuição de renda, igualdade de gênero, meio ambiente, aquecimento global, água, saneamento e energia. Esses temas foram destrinchados em 185 indicadores no Brasil – há variações de país para país, relacionadas às peculiaridades locais e ao ponto de partida de cada um dos diferentes aspectos apresentados.

Um aspecto fundamental dos ODSs foi enfatizar a responsabilidade que as grandes corporações têm sobre suas cadeias – ou seja, já não basta cuidar apenas de si e simplesmente fechar os olhos para o que acontece além dos muros da empresa. Outra visão enfatizada



Virada Sustentável, em SP. Circuito artístico no Ibirapuera procurou levar ao público a necessidade de cumprir os ODSs

da pelo Pacto Global é o entendimento de que promover a sustentabilidade não se limita à prática de ações ambientais, que costumavam ter protagonismo nas discussões. As questões sociais e de governança – incluindo o combate à corrupção, tão evidenciada nos últimos anos – vêm ganhando espaço e relevância.

“Cuidar da sustentabilidade é um fator competitivo para as empresas.”
Onara Lima
DIRETORA DA
AMBIPAR

Fator competitivo. Os ODSs ganham tanta relevância que a KPMG constatou, em seu estudo “Chegou a hora”, que 67% das 100 maiores corporações brasileiras conectam as informações apresentadas em seus Relatórios de Sustentabilidade aos objetivos da ONU, compostos por metas que devem ser alcançadas pelos países até 2030. Muitas empresas acabaram assumindo também esses desafios.

Embora a rede brasileira do

71%

Das empresas brasileiras integram o Pacto Global. O País é 61º no cumprimento dos ODSs, de 165 nações avaliadas

Pacto Global seja uma das que mais crescem no mundo, já passando de mil empresas signatárias, a situação geral do País na busca pelo cumprimento dos ODSs não é boa. De acordo com a Universidade de Cambridge, que acompanha essa evolução ao redor do planeta, o Brasil está na 61.ª posição na proporção de atingimento das metas, entre os 165 países avaliados. O atual índice brasileiro é de 71,3%, semelhante ao da Tunísia e do Peru, enquanto os líderes são a Finlândia (85,9%), a Suécia (85,6%) e a Dinamarca (84,9%).

É nesse cenário de expectativas por avanços reais e mensu-

ráveis que os conceitos de ESG surgiram como um grande consolidador do conjunto de práticas sustentáveis de uma organização, aponta Onara Lima, diretora de Sustentabilidade da Ambipar, empresa que é referência em gestão ambiental.

“Cuidar da sustentabilidade é um fator competitivo para as empresas. Essas práticas trazem oportunidades, além de mitigar riscos e criar valor a longo prazo”, diz a executiva. “Quem ainda enxerga ações de sustentabilidade como custo está defasado, pois é perfeitamente possível integrar as metas ESG à estratégia das organizações”, afirma. / M.O.



As ações sociais têm de começar dentro da empresa

Corporações precisam 'arrumar a casa' para conseguir causar algum impacto; e o engajamento ajuda a resolver questões globais

PRÁTICA SOCIAL

Calcular impactos ambientais e avaliar governança corporativa parecem ser processos bastante intuitivos. Mas o S do ESG acaba virando uma incógnita: quais mudanças sociais podemos esperar de uma empresa? E como avaliar seu impacto?

Segundo o relatório global “The Time Has Come” de 2020, o mais recente, desenvolvido pela KPMG com base em 5,2 mil empresas de 52 países, o Brasil está preocupado com essas questões. Mundialmente, 80% das corporações divulgam relatórios de sustentabilidade ou responsabilidade corporativa, enquanto por aqui a média sobe para 85%. “Temos problemas importantes para resolver, e sabemos que as empresas são centros de recursos financeiros, intelectuais, de relacionamentos, e que sem elas fica cada vez mais difícil resolvê-los”, disse Nelmara Arbex, sócia-líder da prática de ESG da KPMG no Brasil, durante o painel A Solução da Desigualdade Passa pela Integração Social, no Summit ESG 2021.

Para ela, o exemplo de responsabilidade social começa den-

tro da própria empresa, nas práticas que aplicam com seus funcionários. Salários justos, condizentes com condições de vida digna para os empregados, relações transparentes com a cadeia de fornecedores, troca ativa com a comunidade onde está inserida – ajudando no acesso a treinamentos, tecnologias e emprego –, além de filantropia, são alguns exemplos de como o S se reflete nas corporações.

Segundo o relatório da KPMG, 67% das empresas se preocupam em conectar as informações de seus relatórios com os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS), 17 pontos definidos pelas Nações Unidas para “acabar com a pobreza, proteger o meio ambiente e o clima e garantir que as pessoas, em todos os lugares, possam desfrutar de paz e de prosperidade”, como define a própria ONU, até 2030.

Educação. Dentre eles está a educação, bandeira defendida no Summit por Alexandre Sanchez Garcia, pró-reitor, professor e coordenador do Centro de Pesquisa ESG da Fundação Escola de Comércio Álvares Penteado (Fecap). “Quando os líderes

“Quando você vai direto aos números, esquece quais são os valores da empresa.”
Ana Siqueira
ARTHA EDUCAÇÃO



Atores. Claudia diz que acionistas podem guiar mudanças

se atualizam, fazem formação continuada, isso tem efeito multiplicador na instituição, não só aplicando o que aprendeu, mas também entre os colaboradores, que podem se espelhar.”

Do ponto de vista dos investidores, Ana Siqueira, CFA e sócia cofundadora da Artha Educação, defende que as avaliações empresariais precisam levar em consideração que “ne-

gócios são fundamentalmente pessoas”. “Como analista de renda variável, eu olhava toda a parte de governança e, só depois de ter uma visão geral eu ia para os números. Quando você vai direto para os números, você esquece de pensar quais são os valores da empresa, a qualidade, a reputação”, afirma. / LUÍZA POLLO, ESPECIAL PARA O ESTADÃO

3 PERGUNTAS PARA...

Claudia Yoshinaga, do Centro de Estudos em Finanças da FGV-EAESP

1. Por que os conceitos E e G estão mais consolidados? E porque isso não ocorre com o S (sustentabilidade)?
Quase todo analista de renda variável vai dizer que olha aspectos de governança na hora de fazer uma recomendação de uma empresa. Desde o início dos anos 2000, com grandes escândalos corporativos, os olhos do mercado se voltaram para isso. (Quanto ao “S”) talvez a pauta social seja mais difícil de ser percebida. Isso porque o primeiro afetado acaba sendo o público interno da empresa. São os funcionários que conseguem avaliar se a empresa tem medidas adequadas ou não para tratar a sua força de trabalho.

2. Como quantificar o impacto social? Existem exemplos de como estamos no País?
Na Noruega, por exemplo, foi aprovada uma medida que tornou obrigatória a participação das mulheres em conselhos de empresas. Assim foi possível medir o impacto dessa medida. No Brasil, a preocupação ainda se resume a cumprir as leis trabalhistas. Não demos o passo a mais para promover diversidade e inclusão.

3. Como essas questões podem ser solucionadas? O público pode causar algum barulho?
Sim. Mas eu diria que precisa vir principalmente da parte dos acionistas, em especial os institucionais, que têm uma porção mais representativa do capital das empresas.